



A *PARRHESIA* SOB O OLHAR DE FOUCAULT

FOUCAULT ON *PARRHESIA*

Vanessa Kiewel Cordeiro (UnB)

RESUMO: Neste trabalho, analisamos a *parrhesia* estoica sob o olhar foucaultiano. Nossa análise é primordialmente enfocada nas obras do último Foucault, produzidas nos derradeiros cinco últimos anos de sua vida, entre 1980 e 1984, à qual trazemos a contribuição de trechos das obras dos filósofos estoicos Epicteto e Sêneca. Preliminarmente, partimos do conceito de *parrhesia* deixado por Foucault, que, para além de ser a fala da verdade com requisitos específicos, é sempre por ele enfocada como instrumento do cuidado de si e dos outros, e dele extraímos os três tipos de *parrhesia* analisados por Foucault, a *parrhesia* política, a *parrhesia* filosófica e a *parrhesia* político-filosófica, embora discordemos da existência de uma *parrhesia* puramente filosófica, posto que ela sempre se deu e se dá vinculada à política, portanto, é, em verdade, *parrhesia* político filosófica. Dentro da *parrhesia* político-filosófica, se destaca aquela praticada pelos cínico-estoicos, categoria exemplificada por Foucault pela vida do filósofo Demétrio e explanada pela sua análise do elogio ao cinismo feito por Epicteto de Hierápolis em sua Diatribe 3.22, que era, em suma, uma missão de vida dada pela Divindade que, tanto para os cínicos quanto para os estoicos, era a própria Natureza ou o Cosmos como um todo.

PALAVRAS-CHAVE: *Parrhesia*, Falar A Verdade Aos Poderosos, *Parrhesia* Político-Filosófica, Cínico-Estoicismo, Missão de Vida, Divindade-Natureza-Cosmos.

ABSTRACT: In this work, we analyze the stoic *parrhesia* under the Foucaultian gaze. Our analysis is primarily focused on the works of the last Foucault, produced in the last five years of his life, between 1980 and 1984, to which we bring the contribution of excerpts from the works of the Stoic philosophers Epictetus and Seneca. Preliminarily, we start from the concept of *parrhesia* left by Foucault, which, in addition to being the speech of truth with specific requirements, it is always focused by him as an instrument of care for oneself and others, and from it we extract the three types of *parrhesia* analyzed by Foucault, the political *parrhesia*, the philosophical *parrhesia* and the political-philosophical *parrhesia*, although we disagree with the existence of a purely philosophical *parrhesia*, since it has always been linked to politics, therefore, it is, in fact, political-philosophical *parrhesia*. Within the political-philosophical *parrhesia*, that practiced by the cynic-stoics stands out, a category exemplified by Foucault in the life of the philosopher Demetrius and explained by his analysis of the praise of cynicism made by Epictetus of Hierapolis in his Discourse 3.22, which was, in short, a life mission given by the Divinity which, for both the Cynics and the Stoics, was Nature itself or the Cosmos as a whole.

KEYWORDS: *Parrhesia*, Speak Truth To Power, Political-Philosophical *Parrhesia*, Cynic-Stoicism, Life Mission, Divinity-Nature-Cosmos.

Neste trabalho, traremos a perspectiva de Foucault sobre a *parrhesia* na antiguidade clássica. Para tal, seguindo o espírito foucaultiano, reconstituiremos toda a arqueologia ou genealogia por ele descortinada sobre o que é a *parrhesia*, quais são os seus tipos possíveis e como ela foi usada no período helenístico e imperial pelos estoicos, pelos cínicos e pelos filósofos que ele chamou de cínico-estoicos.

Todo esse estudo se deu durante os cinco últimos anos de sua vida, entre 1980 e 1984, nas aulas que ministrou no *College de France* e que, posteriormente, se tornaram os livros “Hermenêutica do sujeito” e “A coragem da verdade”, bem como o ensaio “Verdade e subjetividade”, e naquelas que ministrou em *Berkeley*, que nos chegaram como conferências. Este é o nosso material de pesquisa, com o acréscimo de citações dos estoicos Epicteto e Sêneca.

É interessante notar que essa análise se deu no final de sua vida, final este de que era consciente, pois tinha Aids, doença que, à época, era uma verdadeira sentença de morte. Como o seu recorte conceitual, nestas aulas, sempre foi o cuidado de si, pensamos que ele possa ter recorrido aos antigos, em especial aos estoicos, para aplicar a si mesmo sua arte de viver, viver a boa vida a cada momento e morrer a boa morte, questões fundamentais e espirituais, como ele mesmo nos diz, da filosofia estoica, bem como, também, aos cínicos e cínico-estoicos em busca da vida da verdade. Trata-se, para além de um estudo filosófico, de um retrato poético de um homem vivendo em plenitude os seus últimos dias.

1. O conceito de *parrhesia* conforme Foucault

Sem mais delongas, adentremos à temática que aqui propomos. Afinal, o que é a *parrhesia*?

Para começar, qual é o significado geral da palavra *parrhesia*? Etimologicamente, *parrhesiazesthai* significa dizer tudo – de *pan* (tudo) e *rhema* (o que é dito). Aquele que usa a *parrhesia*, o *parrhesiastes*, é alguém que diz tudo o que tem em mente: ele não esconde nada, mas abre seu coração e sua mente completamente para outras pessoas através de seu discurso. Na *parrhesia*, presume-se que o falante dê um relato completo e exato do que tem em mente, de

modo que a audiência seja capaz de compreender exatamente o que aquele que fala pensa. A palavra *parrhesia* então se refere a um tipo de relação entre o falante e o que ele diz. Pois na *parrhesia* o falante torna manifestamente claro e óbvio que o que ele diz é a sua própria opinião. E ele faz isso evitando qualquer tipo de forma retórica que pudesse velar o que ele pensa. Ao invés disso, o *parrhesiastes* usa as palavras e formas de expressão mais diretas que ele puder encontrar. Enquanto a retórica mune o orador com dispositivos técnicos para ajudá-lo a prevalecer sobre as mentes de sua audiência (independentemente da própria opinião do retórico concernente ao que ele diz), na *parrhesia*, o *parrhesiastes* age sobre a mente das outras pessoas mostrando a elas, tão diretamente quanto possível, o que ele realmente acredita.” (FOUCAULT, 2013a, p. 4)

Parrhesia é, portanto, o falar livre, sem quaisquer limitações, sem recursos de retórica, e, especialmente, é falar a verdade, toda a verdade, independentemente dos riscos que esta fala franca possa trazer (e sempre traz) ao *parrhesiastes*, aquele que pratica a *parrhesia*. Aliás, esta é uma característica inseparável do ato da *parrhesia*, não basta dizer a verdade, é necessário que, por dizê-la, corra-se algum risco, em maior ou menor grau, seja a prisão, a perda ou a restrição dos direitos políticos, até o exílio ou a própria morte. Assim, para os gregos e romanos da antiguidade clássica (entre os séculos V AEC e V EC), a *parrhesia* era um ato de coragem:

Diz-se que alguém usa a *parrhesia* e merece ser considerado como um *parrhesiastes* apenas se há para ele, ou ela, um risco ou um perigo em dizer a verdade. Por exemplo, a partir da perspectiva grega antiga, um professor de gramática pode dizer a verdade para as crianças que ele ensina, e inclusive pode não ter dúvidas de que o que ele ensina é verdadeiro. Mas, apesar dessa coincidência entre crença e verdade, ele não é um *parrhesiastes*. Entretanto, *quando um filósofo se dirige ao soberano, a um tirano, e lhe diz que sua tirania é perturbadora e desagradável porque a tirania é incompatível com a justiça, então o filósofo diz a verdade, crê que está dizendo a verdade e, mais que isso, também se arrisca (já que o tirano pode se enfurecer, pode puni-lo, pode exilá-lo, pode matá-lo).*” (FOUCAULT, 2013a, p. 6)

Outra importante característica da *parrhesia* é o fato de que o *parrhesiastes* não é apenas honesto e diz a sua opinião, mas diz o que é verdade porque sabe que é a verdade. Ou seja, “há sempre uma exata coincidência entre a crença e a verdade” (FOUCAULT, 2013a, p. 5).

Há, ainda, uma disparidade hierárquica entre o *parrhesiastes*, aquele que diz a verdade, e seu interlocutor, o que ouve a verdade. A *parrhesia* vem de baixo e é direcionada para cima. Ou seja, o *parrhesiastes* está numa situação de inferioridade em relação ao seu interlocutor¹, é uma relação de poder que é pervertida, invertida, rompida pela fala franca e crítica do *parrhesiastes* ao seu interlocutor, e é exatamente aí que mora o perigo.

Há incontáveis outros casos de veridicção ou fala da verdade, o pai que critica o ato de seu filho, o professor que ensina a verdade e corrige o aluno, o gramático ou qualquer outro técnico que fala a verdade concernente ao seu campo de conhecimento, o profeta que revela a vontade dos deuses, a verdade futura, o sábio que fala a verdade sobre conceitos amplos e gerais, dentre outros. Todavia, pela inexistência do risco e por se tratarem de falas de cima para baixo, não há nelas *parrhesia*. Para haver *parrhesia*, é indispensável a existência do risco e da fala crítica da verdade, e a relação hierárquica entre o *parrhesiastes* inferior e o interlocutor superior numa relação de poder.

E a última importante característica da *parrhesia* é que ela é um dever para o *parrhesiastes*, não uma escolha. Ele pode muito bem não falar, não há nada nem ninguém que o obrigue a isso. *No entanto, ele sente que é seu dever falar a verdade, toda a verdade, não esconder nada, num ato de coragem extrema, sem se importar com as consequências que poderá sofrer por seu ato de bravura*².

E para finalizar esta exposição geral sobre o que é a *parrhesia*, destacamos a fala de Foucault sobre a relação consigo mesmo de que a *parrhesia* está imbuída, como uma demonstração não apenas da fala da verdade, mas da vida da verdade vivida pelo *parrhesiastes*, *in verbis*:

Quando se aceita o jogo *parrhesiástico* no qual a própria vida está exposta, se está começando uma relação específica consigo mesmo: *arrisca-se a morrer ao dizer a verdade ao invés de repousar na segurança de uma vida na qual a verdade permanece não dita*. É claro, a ameaça de morte vem do Outro, e por isso se exige uma relação consigo mesmo: *ele prefere a si mesmo enquanto alguém que diz a verdade ao invés de viver sendo alguém que é falso para consigo mesmo*. (FOUCAULT, 2013a, p. 7) (grifos nossos).

¹ FOUCAULT, 2013a, p. 8.

² FOUCAULT, 2013a, p. 8-9.

É interessante notar a literalidade da parte inicial da citação supra, “Quando se aceita o jogo *parrhesiástico* no qual a própria vida está exposta”, na vida dos *parrhesiastes*. Quem tem a missão *parrhesiasta* de desvelar uma verdade importante para o bem de todos precisa pagar o preço por isto, ou seja, além do risco envolvido na *parrhesia* em si, precisa, já de início, desnudar toda a sua vida e sua verdade em frente de todos e, por isso, tem a coragem de fazê-lo pois “prefere a si mesmo enquanto alguém que diz a verdade ao invés de viver sendo alguém que é falso consigo mesmo”.

2. Os tipos de *parrhesia*

Há dois tipos de *parrhesia* de acordo com Foucault: a *parrhesia* política e a *parrhesia* filosófica. Ambas têm todas as características da *parrhesia*, como já vimos: a fala franca, completa e ilimitada da verdade, o risco, a coragem e a relação consigo mesmo. E elas podem se fundir numa mesma prática, o que constitui o terceiro tipo de *parrhesia*, a *parrhesia* político-filosófica, a qual também pode ser chamada de vida *parresiástica*, a vida da verdade. Contudo, com o fito de auxiliar a compreensão de cada uma delas, passamos à sua descrição separadamente, de início, para podermos mostrar a sua conjunção posteriormente, ao final.

Essas três formas da *parrhesia* são definidas e delimitadas por Foucault da seguinte forma:

I - *Parrhesia* política: “O ato do político corajoso que arrisca sua vida pela verdade contra a opinião do Príncipe ou da Assembléia. É a bravura política da fala da verdade”³;

II - *Parrhesia* filosófica: o mais clássico exemplo dela é “a ironia socrática, que envolve a introdução de certa forma da verdade em um conhecimento que os humanos não sabem que sabem, uma forma da verdade que os levará a cuidarem de si mesmos”⁴ e há, no estoicismo, uma *parrhesia* filosófica focada nos exercícios de exame de consciência por eles praticados para atingir o cuidado e o pleno domínio de si mesmos e, ao mesmo tempo, cuidar dos outros, da humanidade como um todo; e,

³ FOUCAULT, 2011, p. 233-234.

⁴ Idem, *ibidem*.

III - *Parrhesia* político-filosófica ou a vida da verdade: para Foucault, o exemplo máximo desse tipo de *parrhesia* é a vida cínica, que ele chamava de “escândalo cínico”, e envolvia não apenas a fala da verdade, mas a vida dessa verdade em sua própria vida, a prática da filosofia, a qual, no cinismo, implicava em “encarar a raiva das pessoas quando apresentavam a elas a imagem daquilo que elas aceitavam como valores em pensamento, mas não aplicavam na prática. Quando os cínicos praticavam de fato e em praça pública os valores da filosofia, eram rejeitados e desprezados pelas mesmas pessoas que apregoavam ter esses mesmos valores. Esse era o escândalo cínico”⁵. E, embora Foucault não tenha salientado neste trecho, em vários outros que veremos a seguir, ele considerava também como vida da verdade e prática da *parrhesia* político-filosófica aquela vivida pelos filósofos estoicos e cínico-estoicos.

3. Da *parrhesia* política

Passamos, portanto, à análise da *parrhesia* política. Ela teve início na democracia direta ateniense, onde todos os cidadãos tinham igualdade de direitos políticos e debatiam os assuntos da *polis* (cidade-Estado) na ágora (espaço público onde se dava a Assembleia dos cidadãos). Tratava-se do direito dos cidadãos atenienses à fala da verdade com o objetivo de denunciar os problemas da cidade e de buscar soluções legislativas em prol de toda a comunidade.

Todavia, de acordo com Foucault, a *parrhesia* política acabou por não perdurar na democracia pois ninguém queria contrariar a vontade da maioria que, se alguém o fizesse, se viraria contra ele ou ela em escárnio generalizado e discriminação social. Em princípio, seria impossível exercer a *parrhesia* numa democracia plena⁶. E a crítica à democracia dizia que o *demos*, o povo, a maioria, era formada pelos piores e mais vulgares cidadãos, portanto, a vontade do *demos* não poderia ser o que é melhor para a cidade, a pólis de Atenas.⁷

Nesse ponto, discordamos de Foucault, eis que, conforme ele mesmo nos informa, a *parrhesia* teve origem na democracia direta ateniense, porém, contrariamente ao que ele sustentou, não deixou de existir nem na democracia plena nem com a

⁵ Idem, *ibidem*.

⁶ FOUCAULT, 2013c, p. 53.

⁷ PSEUDO-XENOFONTE *apud* FOUCAULT, Michel, 2013c, p. 50.

passagem desta para a democracia representativa nem, em nenhum momento, até nossos dias. Pelo contrário, é na democracia, com a liberdade de expressão garantida a todos, que a *parrhesia* se fortalece e se multiplica *pari passu* com os problemas antidemocráticos que vão surgindo dentro das democracias e passam despercebidos pela maioria. É exatamente aí que surgem os *parrhesiastes*, que, com grande coragem e sujeitos aos maiores riscos, enfrentam governos autoritários, despóticos ou corruptos que pregam a democracia e, no entanto, praticam as mais diversas atrocidades contra seus cidadãos. Esses verdadeiros heróis têm seus nomes meritoriamente gravados na história, desde aqueles da antiguidade, como Sócrates e os integrantes da Oposição Estoica⁸, até os da contemporaneidade.

Retornando a Foucault, de acordo com ele, o palco primordial da *parrhesia* política tornou-se a corte real, o que a tornou dependente das qualidades pessoais do rei, que pode aceitar ou não a fala franca e crítica de seus conselheiros, geralmente filósofos. *É contra a opinião desse Príncipe ou dessa Assembleia, e é pela verdade, que o homem político, se for corajoso, arrisca a vida* (FOUCAULT, 2012, p. 205). E, a partir daí, a *parrhesia* se torna, cada vez mais, não um direito, como na democracia ateniense, mas uma atividade pessoal, uma escolha de *bios* (modo de vida).⁹

4. Da *parrhesia* filosófica

Já a *parrhesia* filosófica, conforme Foucault, teve seu mais célebre exemplo por meio da ironia socrática e da vida de Sócrates¹⁰ como um todo, tendo sido ele condenado a praticar o suicídio, por ter revelado a verdade a tantos por meio de seu método maiêutico questionador que provocou a fúria de muitos e levou à sua condenação à morte.

Essa segunda forma de *parrhesia* ou coragem da verdade:

[...] consiste em fazer as pessoas dizerem e em fazê-las progressivamente reconhecer que o que elas dizem saber, o que elas

⁸ “Oposição Estoica, um grupo de romanos de ranque senatorial com educação filosófica estoica que sistematicamente se opuseram à tirania de alguns dos imperadores do século I, defendendo a instituição romana da *Libertas*”. (DINUCCI, et. al., 2019).

⁹ FOUCAULT, 2013c, p. 55.

¹⁰ Filósofo ateniense do séc. V AEC, precursor das questões humanas, éticas e morais na filosofia, conforme os relatos de Platão e Xenofonte, e que teve como herdeiras filosóficas as escolas do período helenista e imperial (sécs. IV AEC a II EC), em especial as escolas cínica e estoica, que aqui enfocamos.

pensam saber, na verdade não sabem. Nesse caso, a ironia socrática consiste em se arriscar à cólera, à irritação, à vingança, de parte das pessoas, até mesmo a ser processado por elas, *para conduzi-las, a despeito de si mesmas, a cuidar de si mesmas, de sua alma e da verdade [...] Tratava-se de introduzir dentro de um saber que os homens não sabem que sabem uma forma de verdade que os conduzirá a cuidar de si mesmos.*” (FOUCAULT, 2012, p. 205) (grifo nosso)

É fato que a ironia socrática causou a irritação e, até, a fúria de muitos. Todavia, somente quando combinada com sua atuação política é que levou ao processo que o condenou ao suicídio.

Ainda dentro da *parrhesia* filosófica, temos o exemplo estoico, que era ainda mais prático que o de Sócrates, sendo composto de regras de conduta que, se praticadas com frequência, eram (e ainda são) capazes de transformar a vida do sujeito em uma verdadeira arte de viver, plena, de acordo com a natureza, virtuosa, comunitária e feliz (*eudaimonia*) -contudo, também estes exercícios só podem ser considerados *parrhesiásticos* quando combinados com a ação política estoica -. Eles ensinavam e praticavam uma série de exercícios com vistas ao cuidado e domínio de si. Dentre eles, havia a célebre troca de cartas entre Sêneca e Lucílio. Delas, destaco um belo trecho da carta 75 que, como enfatizou Foucault, é a melhor descrição da *parrhesia* filosófica – a nosso ver, não há *parrhesia* nesta carta pois não há risco nem relação hierárquica entre remetente e destinatário, posto que eram amigos, porém trata ela da fala franca da verdade sem artifícios retóricos, o que é essencial à *parrhesia* -, a qual, para os estoicos, deve ser sempre praticada com generosidade¹¹:

Minhas cartas não estão a teu gosto, trabalhadas como convém, e te queixas. Na verdade, quem pensa em trabalhar seu estilo, senão os que amam o estilo pretensioso? Minha conversação, se nos encontrássemos face a face, preguiçosamente sentados ou caminhando, seria sem preparativos, de aparência fácil (inlaboratus et facilis). Assim quero que sejam minhas cartas: nada têm de requintado, nada de artificial. Se fosse possível, gostaria de deixar-te ver meus pensamentos mais que traduzi-los pela linguagem [...] Mesmo em uma conferência convencional, eu não bateria o pé, não estenderia o braço para frente, não subiria o tom, deixando isto para os oradores e julgando meu objetivo atingido, se eu tivesse te transmitido meu pensamento sem ornamento estudado nem banalidade. Acima de tudo, eu me aplicaria com ardor a fazer-te compreender que tudo o que eu vier a dizer-te, penso, e não me

¹¹ FOUCAULT, 2006, p. 465.

bastando pensá-lo, amo. Os beijos que damos em nossos filhos não se parecem com aqueles que recebe um amante; e todavia este beijo tão casto, tão contido, deixa transparecer ternura. Seguramente não condeno a um tom de secura e aridez colóquios que incidirão sobre uma tão elevada matéria. A filosofia não repudia as graças do espírito. Quanto a muito laborar com as palavras, é isto que não se deve fazer. Eis o ponto essencial de nossa retórica¹²: dizer o que se pensa, pensar o que se diz; fazer com que a linguagem esteja de acordo com a conduta. Cumpriu com seus comprometimentos aquele que, quer o vejamos, quer o escutemos, permanece o mesmo. Veremos a originalidade desta natureza, o que ela tem de grande. Nossos discursos devem tender não ao agradável, mas ao útil. Se todavia a eloqüência vem sem esforço, se se oferece por si mesma ou custa pouco, admitamo-la e que ela se siga a coisas muito belas; que seja feita mais para mostrar as coisas do que para se mostrar. (...) Para que querer agradar e encantar meus ouvidos? Trata-se de outra coisa: é do ferro e do fogo, é da dieta que preciso. É para isto que te fizeram vir. (Sêneca, Carta 75 apud FOUCAULT, 2006, p. 486-487)¹³

Outro ponto importante da *parrhesia* filosófica estoica é que, nela, o tema da filosofia, com seu foco em como acessar a verdade, andava lado a lado com a questão da espiritualidade, segundo a qual, para acessar a verdade, é necessário que o sujeito transforme sua vida como um todo¹⁴, buscando nos exercícios práticos estoicos tal transformação para chegar ao cuidado de si e dos outros, culminando na ação comunitária em prol do bem comum e maior que coincide com o seu próprio bem: eis que somos apenas parte de um todo maior - a Natureza, o Cosmos ou Deus - e, por isso, só podemos fazer o bem a nós mesmos quando fazemos o bem para todos ou para o todo. É o que Epicteto esclarece na seguinte diatribe:

Pois desse modo é a natureza do animal: ele faz todas as coisas em razão de si mesmo. Pois também o sol faz todas as coisas em razão dele mesmo. E, além do mais, o próprio Zeus o faz. Quando ele deseja ser ‘Aquele que traz as chuvas’ e ‘Aquele dá os frutos’, e ‘Pai dos Homens’ e ‘Pai dos Deuses’, vê que não lhe é possível usufruir dessas tarefas e denominações se não forem úteis para o benefício comum de todos. Também Zeus concedeu, em geral, ao animal, quando racional, uma natureza tal que não lhe é possível usufruir nenhum desses bens <que lhe são> peculiares se não lhes for acrescentada alguma utilidade para todos. Assim, não é antissocial (*akoinonetos*) fazer todas as coisas em razão de si mesmo. (Epic., *Diss.* 1.19.11-15 in DINUCCI, 2019, p. 131)

¹² É um acréscimo do autor e tradutor, Michel Foucault: *haec si! propositi nostri summa* deve antes ser traduzido por: eis o ponto essencial do que afirmo, do que anuncio, do que quero dizer.

¹³ Optamos pela tradução de Foucault, posto que é sobre ela que ele faz sua análise. No entanto, para quem tiver interesse em lê-la por completo, bem como todas as Cartas a Lucílio escritas por Sêneca, sugerimos a tradução de VIEIRA, 2021, constante das referências.

¹⁴ FOUCAULT, 2006, p. 21-22.

A *parrhesia* filosófica é, por fim, relacionada à vida soberana de si mesma e à vida revelada, aberta aos olhos de tudo e todos. Ela é totalmente aberta e transparente, pois é, também, a vida reta, a vida que nada precisa esconder, na qual não há do que se envergonhar, pois somente se fala e se faz o que é verdade.

Para Sêneca, a verdadeira vida é aquela que se vive como se estivesse sempre sob o olhar de todos, sobretudo, e especialmente, sob o olhar do amigo que, para ele, tem a dupla função de guia exigente e testemunha. Era esse o exercício que ele praticava através da troca de cartas, em que autor e destinatário cumpriam as mesmas funções de confidentes e conselheiros um do outro, num caminho de mão-dupla de aperfeiçoamento contínuo¹⁵.

E, para Epicteto, a vida revelada, não dissimulada, é a vida que ocorre inteiramente sob o olhar da divindade que habita em nós, eis que o *Logos* em nossa alma é um princípio divino (um *daimon*). No Livro I, capítulo 14.12-17 de suas *Diatribes*, ele nos diz que nunca estamos sozinhos, que o espírito-guardião (o *daimon*) que Zeus deu a cada um de nós está sempre conosco, e que nossa própria alma, que também é divina, é o sopro divino (*pneuma*), também está sempre lá, e ambos veem a todo tempo tudo o que fazemos¹⁶¹⁷. E na *Diatribes* 2.8.11.1 lemos: “Tu és intérprete, tu és fragmento de Deus. Tu possuis em ti mesmo uma parte dele. Por que, então, ignoras os laços familiares?”¹⁸ Portanto, por sermos, ao mesmo tempo, filhos e partes de Deus, não é possível esconder nada da divindade, o que nos leva ao dever de viver a vida da melhor maneira possível, praticando a virtude na tarefa diária e permanente de nos tornarmos pessoas melhores a cada dia – entretanto, apenas praticar a virtude e nos tornarmos melhores a cada dia ainda não é *parrhesia*, eis que lhe falta os elementos do risco e da disparidade hierárquica entre os sujeitos, o que só vai ocorrer quando se somar a esta prática o elemento político.

Não nos parece que a *parrhesia* filosófica como categoria criada por Foucault possa de fato existir ou ter existido. Isto pois, a *parrhesia* de Sócrates, bem como a dos estoicos, é sim filosófica, entretanto vem sempre eivada de grande carga política e social, ou seja, ela não existe se não for em sociedade e face aos poderosos, aos

¹⁵ FOUCAULT, 2011, p. 252.

¹⁶ Idem, p. 252-253.

¹⁷ Epic. *Diss.* 1.14.12-17, in DINUCCI, 2019, p.112-113

¹⁸ Epic. *Diss.* 2.8.11.1 in DINUCCI, 2021, p. 224.

governantes. No que tange a Sócrates, sua *parrhesia* está vinculada à sua visão e vida política que deu azo ao processo que o condenou ao suicídio, sendo, portanto *parrhēsia* político-filosófica. E, no caso dos estoicos, sua *parrhesia* somente se perfectibilizava quando eles atuavam de forma política, dizendo a verdade aos poderosos para o bem de todos e correndo o risco de serem exilados ou condenados à morte, o que de fato ocorreu com a grande maioria dos integrantes da Oposição Estoica infra descrita, restando esvaziada a classificação “*parrhesia* filosófica” conforme a conceituou Foucault.

5. Da *parrhesia* político-filosófica

Por sua vez, a *parrhesia* político-filosófica ou a vida da verdade era o que Foucault considerava o ponto máximo da *parrhesia* e foi vivida por Sócrates, pelos estoicos, pelos cínicos e pelos cínico-estoicos.

Os estoicos tiveram forte atuação política, praticando corajosamente a *parrhesia* político-filosófica, especialmente na transição entre a República e o Império Romano, no séc. I EC, na época da escola de Epicteto, que formava os nobres e futuros políticos, quando formaram uma comunidade politicamente engajada, militante e antiaristocrática conhecida como a Oposição Estoica, formada por Musônio Rufo, filósofo estoico, professor de Epicteto e conselheiro do sobrinho de Nero, Rubélio Plauto, e de seu círculo, que foi exilado três vezes; pelo próprio Epicteto, que também foi exilado; pelo filósofo cínico-estoico Demétrio, outro exilado duas vezes; por Trásea Peto, um senador romano que foi condenado à morte por suicídio pelo Senado durante o Império de Nero; por Helvídio Prisco, senador e filósofo estoico, que também foi exilado; dentre vários outros filósofos e cidadãos romanos de ranque senatorial que sistematicamente se opuseram à tirania dos Imperadores Nero, Domiciano e Vespasiano¹⁹²⁰.

Para exemplificar a atitude estoica perante o poder despótico dessa época, importa citar a história de Helvídio Prisco no Senado romano, contada por Epicteto:

(19) Também Helvídio Prisco percebeu essas coisas e, após considerá-las, agiu. Quando Vespasiano enviou-lhe um pedido para que não comparecesse ao Senado, Prisco respondeu: “Depende de ti

¹⁹ FOUCAULT, 2013d, p. 69.

²⁰ DINUCCI, *et. al.*, 2019.

não me permitir ser senador. Mas enquanto eu o for, devo comparecer”. (20) “–Vai – disse Vespasiano – porém, ao comparecer, fica em silêncio.” “– Não me interrogues e ficarei em silêncio.” “– Mas devo interrogar-te.” “– E devo dizer o que se me afigura justo.” “– Se falares, te condenarei à morte.” (21) “– Quando eu te disse que sou imortal? Tu farás o que é teu, e eu farei o que é meu. É teu condenar-me à morte. É meu morrer sem tremer. É teu condenar-me ao exílio. É meu retirar-me sem me afligir.” (Epic. *Diss.* 1.2.19-21 in DINUCCI, 2019, p. 55-56)

O cinismo, de outro lado, nada tinha de comunitário em sua filosofia, não havia escolas, grupos ou, até mesmo, um corpo doutrinário definido. Tratava-se de uma filosofia puramente prática que era caracterizada muito mais pela sua atitude visceral e seu desprendimento material completo do que por qualquer teoria.

O cínico, conforme Foucault, “é o homem com o bastão, a bolsa do mendigo, a capa, o homem de sandálias ou de pés descalços, o homem de barba comprida, o homem sujo. É também o homem que vagueia, que não está integrado na sociedade, não tem casa, nem família, nem pátria [...] e também é um pedinte”²¹.

E o mais famoso, lendário e heroico filósofo cínico foi Diógenes de Sínope, mais conhecido como Diógenes, o cão, pois levava uma vida de cão. Mas, afinal, o que era esta vida de cão cínica?

Primeiro, a vida do *kynikos* é a vida de um cachorro, sem modéstia, vergonha e respeito humano. É uma vida que faz em público, diante de todos, o que só os cães e os animais se atrevem a fazer e que os homens costumam esconder. A vida do cínico é a vida de um cachorro porque ele é desavergonhado. Em segundo lugar, a vida cínica é a vida de um cachorro porque, como o último, é indiferente. É indiferente a tudo o que pode ocorrer, não está apegado a nada, está contente com o que tem e não tem necessidades além daquelas que pode satisfazer imediatamente. Terceiro, a vida do cínico é a vida de um cão, recebeu o epíteto *kynikos* porque é, por assim dizer, uma vida que late, uma vida diacrítica (*diakritikos*), ou seja, uma vida que pode lutar, que late para os inimigos, que sabe distinguir o bom do mau, o verdadeiro do falso e os senhores dos inimigos. Nesse sentido, é uma vida *diakritikos*: uma vida de discernimento que sabe provar, testar e distinguir. Finalmente, em quarto lugar, a vida cínica é *phulaktikos*. É a vida de um cão de guarda, uma vida que sabe se dedicar a salvar os outros e proteger a vida do dono. Vida sem vergonha, vida *adiaphoros* (indiferente), vida *diakritikos* (diacrítica, diferenciadora, discriminatória e, por assim dizer, vida que late) e *phulaktikos* (vida de

²¹ FOUCAULT, 2011, p. 170.

guarda, vida de cão de guarda). (FOUCAULT, 2011, p. 243, tradução nossa)

Essa vida é o próprio corpo da verdade que se faz visível e palpável. É a verdade como disciplina, ascese e nudez da vida. É o escândalo cínico da verdade na vida e por toda a vida²².

Para o cinismo, a filosofia é uma preparação para a vida. Há um aforismo atribuído a Diógenes que diz que: “Para se preparar para a vida é necessário o *Logos* ou o *brokhos*. Ou seja: ou a razão (*Logos*) que organiza a vida, ou a corda (*brokhos*) com que alguém se enforca. Ou você se enforcará ou preparará sua vida de acordo com o *Logos*.”²³ Uma afirmação forte e muito polêmica, tipicamente cínica.

A vida verdadeira, a vida reta, para os cínicos, é estritamente a vida natural, pelo que eles obedecem única e exclusivamente às leis da natureza, jamais às leis dos homens, suas convenções sociais e seus costumes e tabus²⁴. Por isso, no aspecto político-social, os cínicos seriam os anarquistas da antiguidade - com o perdão pelo anacronismo -, buscando destruir tudo aquilo que é criação humana contrária à natureza.

Em resumo, o cinismo é como uma colcha de retalhos que combina os maiores princípios de toda a filosofia antiga. No entanto, mesmo tratando de temas padrão para a sociedade da época, a maneira como o fizeram os cínicos era escandalosa e ultrajante para os gregos e romanos. Nas palavras de Foucault:

O cinismo é, portanto, esse tipo de careta que a filosofia faz a si mesma, esse espelho quebrado em que a filosofia é imediatamente chamada a se ver e não consegue se reconhecer. Esse é o paradoxo da vida cínica, conforme tentei defini-la; é a realização da verdadeira vida, mas como exigência de uma vida que é radicalmente outra. (FOUCAULT, 2011, p. 270, tradução nossa)

E, nos seus derradeiros dias e na sua derradeira obra, a coletânea de aulas de 1984 que constituiu o livro “A coragem da verdade”, Foucault se encontra consigo mesmo e enfoca bela e profundamente o que ele chamou de cínico-estoicismo - termo que empregaremos a partir daqui, em sua homenagem -, uma mistura dos melhores

²² FOUCAULT, 2011, p. 173.

²³ Idem, p. 238.

²⁴ Idem, p. 263.

aspectos destas duas escolas filosóficas combinados que, arriscamos dizer, foram muito caras a ele no final de sua vida.

Tal cínico-estoicismo era caracterizado pela vida de filósofos cínico-estoicos reais, como Demétrio que é citado por Sêneca como o maior filósofo de seu tempo, senão de todos os tempos, e que unia a atitude cínica com a sabedoria e o conhecimento da doutrina estoica, sendo como um cínico moderado ou um estoico radical²⁵. Todavia, o melhor exemplo desse cínico-estoicismo nos é dado pelo elogio ao cinismo feito pelo filósofo estoico Epicteto em sua Diatribe 3.22²⁶, que é embebido pelos princípios estoicos do início ao fim, em sua mais extrema forma, a do ascetismo radical, e de uma militância política tipicamente estoica, no qual Foucault concentra sua análise.

Nele, Epicteto diz que o papel do cínico é o do espião, do batedor, que é enviado na frente do exército para observar o que o inimigo está fazendo. Assim, o cínico, é enviado à frente da humanidade, para determinar o que pode ser favorável ou hostil ao homem nas coisas do mundo. Cumprida esta tarefa, o cínico deve retornar. *Ele voltará para anunciar a verdade sem se deixar paralisar pelo medo*. Este é o exercício da *parrhesia* cínico-estoica²⁷.

Entretanto, esta missão cínico-estoica cobra um alto preço: o do desprendimento completo das coisas do mundo. Ou seja, para bem desempenhar seu papel, o cínico-estoico não pode ter abrigo, casa ou, até mesmo, país. Tampouco pode casar e ter filhos pois sua família é a humanidade como um todo, ficando, dessa forma, livre de tudo que possa distraí-lo e inteiramente disponível ao serviço de Deus. Para ser o anjo, para exercer este ofício angelical, ele realmente deve estar livre de todos os apegos. O modo de vida é, portanto, uma condição de possibilidade do exercício desta *parrhesia* político-filosófica²⁸.

Sob o olhar de Foucault, a vida cínico-estoica, de acordo com Epicteto, não é uma escolha, mas uma missão de vida dada por Deus. Não se pode se autoproclamar cínico. E, caso isto seja feito independentemente dos deuses, aquele que o fizer

²⁵ FOUCAULT, 2011, p. 193.

²⁶ Optamos pela tradução de Foucault, posto que sua análise está baseada nela. No entanto, para quem tiver interesse em conhecer esta Diatribe completa, assim como todas as outras que nos chegaram, sugerimos a tradução de LONG, 1904, p. 248-260, constante das referências.

²⁷ FOUCAULT, 2011, p. 170.

²⁸ Idem, p. 170-171.

incorrerá na cólera divina e será coberto de vergonha aos olhos de todos²⁹. Escolher entre a vida filosófica e a não-filosófica é uma questão de escolha e liberdade - diga-se, a vida filosófica em adição aos deveres mundanos sociais de pai, filho, comerciante, político, etc; a vida filosófica é um modo de viver a vida comum, ordinária. Por outro lado, afirmar ser um cínico e assumir a tarefa de se dirigir à humanidade a fim de lutar com ela e por ela, e, possivelmente, contra ela pela mudança do mundo, é uma missão dada por Deus, e somente por Deus³⁰. Portanto, a vida cínico-estoica é o auge da vida filosófica, sua absoluta completude, a ser exercida com a máxima responsabilidade a todo o tempo, é a vida extraordinária, a serviço de Deus e magnânima, em prol de tudo e todos. Por isso, *não se trata de uma escolha, mas da mais alta missão divina dada a alguns mortais*.

E como é possível saber que se tem a missão cínico-estoica? Não há qualquer sinal externo dela nem, muito menos, um chamado divino direto como o que foi dado a Sócrates pelo oráculo de Delfos – supomos que talvez haja um chamado interno, uma forte intuição inspirada pelo *daimon*³¹ de cada um -. Só há uma forma de descobrir tal missão: é praticando a vida cínico-estoica, vivendo a vida revelada, não dissimulada, sem esconder nada, sendo sozinho e vivendo por si mesmo com o que a natureza lhe oferece a cada instante, de forma independente da sociedade, e distinguindo entre o que é bom e o que é mau e, assim, cuidando de si e dos outros. *Aquele que for capaz de cumprir todos esses requisitos sem sofrer, mas, pelo contrário, obtendo prazer nessa vida de total desprendimento e desapego saberá que passou no teste e que esta é a sua missão divina³², a qual deverá bem representar como seu papel no grande teatro da vida. Papel que, frisamos, não se escolhe, nos é dado pela divindade, cabendo-nos, exclusivamente, bem desempenhá-lo durante a vida³³*

Epicteto nos diz que a perseverança e a aceitação das humilhações, insultos e golpes pelo cínico não serve tão-somente como um exercício de resistência e preparação

²⁹ FOUCAULT, 2011, p. 293.

³⁰ FOUCAULT, 2011, p. 294-295.

³¹ “O termo “daímôn”, o gênio pessoal, foi usado por Sócrates quando, ao contrário de seus colegas sofistas, não abriu escola para transmitir seus ensinamentos, assim como não cobrou dinheiro por isso. Ele dizia que apenas falava em nome do seu “daímôn”, do seu gênio pessoal.” vide *DAEMON*. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Daemon&oldid=64426594> . Acesso em: 26 set. 2023.

³² FOUCAULT, 2011, p. 298.

³³ Epic. *Ench.*, cap. XVII, in DINUCCI; JULIEN, 2012, p. 27.

para os infortúnios, mas também, e especialmente, *para que ele pratique e fortaleça o seu vínculo de amor filantrópico com toda a humanidade*. E eis aqui mais uma característica tipicamente estoica do retrato do cínico feito por Epicteto e que, por isto, foi chamado de cínico-estoico por Foucault. Ao final deste trecho, Epicteto leva o exemplo ao extremo do *amor fati* (amor ao destino, princípio estoico de amor incondicional à realidade fática, qualquer que seja ela) dizendo que o cínico “deve ser espancado como um asno e, sendo espancado, deve amar aqueles que o batem como se ele fosse o pai e o irmão de todos.”³⁴

*O cínico-estoico fala a verdade para toda a humanidade, atenienses, coríntios e romanos, mas ele não fala sobre impostos, renda ou paz e guerra. O que ele discute com todos é a felicidade e a infelicidade, a boa e a má sorte, a escravidão e a liberdade. Pode ele exercer autoridade maior do que essa? Não é essa a verdadeira atividade política?*³⁵ *O cínico-estoico está associado ao governo do universo. O seu governo não é mais o das cidades e dos Estados, é o do mundo inteiro. Ele é aquele que faz parte do governo de Zeus. Este, então, é o cínico-estoico na noite de sua vida, restaurado, além de sua monarquia oculta, na verdadeira soberania, que é a dos deuses sobre toda a humanidade*³⁶ - e é aí que se fundamenta o caráter sonhador, visionário e idealista utópico dos *parrhesiastes*. Eles vão além, estão sempre um passo à frente da humanidade para guiá-la para o bem maior e comum a todos, que eles anteveem.

Em sua prática da *parrhesia* político-filosófica, o cínico-estoico tem o maior e mais nobre dos papéis, o de ser o vigilante e supervisor de toda a humanidade, cuidando de todos para que eles cuidem de si mesmos. E, mais do que isso, como quando o general se preocupa com seus soldados, ele se preocupa com todo o exército e, portanto, consigo mesmo como parte do exército e com a sua responsabilidade por todo ele, também *o cínico-estoico, ao cuidar de toda a humanidade, cuidará de si mesmo por ser parte dela*³⁷. *O cínico-estoico é parte do todo e, ao cuidar do todo, ao agir em prol do bem comum e maior, age em prol de si mesmo, pois “o cuidado dos outros coincide exatamente com o cuidado de si”*³⁸, este é outro tema bem estoico que foi associado ao cinismo por Epicteto³⁹.

³⁴ FOUCAULT, 2011, p. 300.

³⁵ FOUCAULT, 2011, p. 302.

³⁶ Idem, p. 302-303.

³⁷ Idem, p. 313.

³⁸ Idem, ibidem.

³⁹ Ver a já citada Diatribe de Epicteto 1.19.11-15 in DINUCCI, 2019, p. 131-132.

Ocorre que não nos parece que os *parrhesiastes* em geral tenham sequer tido tempo ou vontade de cuidar de si em algum momento da sua vida, mas se doaram inteiramente à causa e ao seu papel no Cosmos. Assim sendo, inverteram a ordem dos círculos concêntricos da *oikeiosis*, a apropriação afetiva, de Hierocles estoico. Eles abdicaram do cuidado de si (o primeiro círculo) e foram diretamente ao cuidado de toda a humanidade (o último círculo), sendo subversivos até nisso. Todavia, essa inversão ocorre quando se atinge um grau de sabedoria capaz de compreender a *koinonia* (comunidade) cósmica e antropológica na qual vivemos como irmãos e partes orgânicas do Cosmos. E, em amando e cuidando de toda a humanidade, acaba-se por cuidar de si próprio como parte desse todo maior, sendo beneficiado pelo que é bom para todos e, portanto, também para si.⁴⁰

E, finalmente, qual é o grande objetivo da prática da verdade na vida cínico-estoica? Deixemos que o próprio Foucault nos responda esta última questão, *in verbis*:

Seu objetivo, seu objetivo final, é mostrar que o mundo será capaz de voltar à sua verdade, será capaz de se transfigurar e tornar-se outro para voltar ao que é em sua verdade, apenas ao preço de uma mudança, uma alteração completa, a mudança e alteração completas na relação que alguém tem consigo mesmo. E a fonte da transição para aquele outro mundo prometido pelo cinismo está nesse retorno de si a si, nesse cuidado de si. (FOUCAULT, 2011, p. 315, tradução nossa, grifo nosso)

Destarte, o objetivo final e mais importante da *parrhesia* político-filosófica representada pelo cínico-estoicismo sob o olhar de Foucault é o retorno ao mundo verdadeiro, originário, arcaico, em sua verdade primordial que é revelada no retorno de si a si pelo cuidado de si e dos outros.

6. Conclusão

Portanto e por fim, a *parrhesia* sob a análise de Foucault não é apenas a fala da verdade política com seus riscos inerentes, mas é principalmente a terceira categoria da *parrhesia*, a *parrhesia* político-filosófica não apenas falada, ensinada ou descortinada por meio do discurso, mas a vida da verdade em sua mais ampla extensão e magnitude,

⁴⁰ Tema em desenvolvimento baseado em DINUCCI, Aldo, 2016.

a que dizia o que praticava e praticava o que dizia, com o fito de mudar o mundo para uma outra vida, não uma nova vida, porém, pelo contrário, pela vida arcaica e primordial, de acordo com a natureza e com as virtudes, e conforme a missão dada pelos deuses a cada um de nós. É nesta vida da verdade e pela verdade, fundada no cuidado de si e dos outros que reside a *eudaimonia* (felicidade). Esta é a arte de viver ensinada e praticada por Sócrates, pelos antigos estoicos, cínicos e cínico-estoicos que Foucault se imbuíu de nos lembrar em seus últimos instantes.

REFERÊNCIAS

- DAEMON. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Daemon&oldid=64426594>. Acesso em: 26 set. 2023.
- DINUCCI, Aldo. **As Diatribes de Epicteto: livro I**. Coimbra: Imprensa de Coimbra, 2019.
- DINUCCI, Aldo. et al. *Gratilla e sua amiga: mulheres estoicas romanas desafiando o Imperador Domiciano*. Publicado em: 11 set. 2019. Disponível em: <https://sociologica.com.br/gratilla-e-sua-amiga-mulheres-estoicas-romanas-desafiando-o-imperador-domiciano/>. Acesso em: 22 mai. 2021.
- DINUCCI, Aldo. Fragmentos menores de Caio Musônio Rufo. IN: **Trans/form/ação**, v. 35.3, fragmento 26 (Estobeu 3.6.22), p. 270, 2012. Disponível em https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31732012000300015. Acesso em 14 set. 2020.
- DINUCCI, Aldo. **Koinonia cósmica e antropológica em Epicteto**. In: CORNELI, G.; FIALHO, M. C.; LEÃO, D. (coords.). **Cosmópolis: mobilidades culturais às origens do pensamento antigo**. Coimbra: Imprensa de Coimbra; Annablume, 2016, p. 75-86.
- DINUCCI, Aldo; JULIEN, Alfredo. **O Encheirídon de Epicteto**. Edição Bilingue. São Cristóvão: EdiUFS, 2012.
- DINUCCI, Aldo. **Tradução: Epicteto, Diatribes 2.8, 2.9 e 2.10**. Rev. Carlos Enéas de Moraes, Joelson Nascimento e Vanessa Cordeiro. In: **Revista Perspectiva Filosófica**, v. 47, n. 1, p. 222-241, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/perspectivafilosofica/article/view/248346>. Acesso em 22 mai. 2021.
- FOUCAULT, Michel. 1ª. Conferência: o significado da palavra parrhesia. **Prometheus - Journal of Philosophy**, v. 6, n. 13, 26 Sep. 2013a, p. 03-12.
- FOUCAULT, Michel. 2ª. Conferência: parrhesia nas tragédias de eurípidas. **Prometheus - Journal of Philosophy**, v. 6, n. 13, 26 Sep. 2013b, p. 13-47.
- FOUCAULT, Michel. 3ª. Conferência: parrhesia e a crise das instituições democráticas. **Prometheus - Journal of Philosophy**, v. 6, n. 13, 26 Sep. 2013c, p. 49-56.
- FOUCAULT, Michel. 4ª. Conferência: a prática da parrhesia. **Prometheus - Journal of Philosophy**, v. 6, n. 13, 26 Sep. 2013d, p. 57-90.

FOUCAULT, Michel. 5ª. Conferência: técnicas de parrhesia. **Prometheus - Journal of Philosophy**, v. 6, n. 13, 26 Sep. 2013e, p. 93-110.

FOUCAULT, Michel. 6ª. Conferência: observações finais. **Prometheus - Journal of Philosophy**, v. 6, n. 13, 26 Sep. 2013f, p. 111-114.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**. Tradução Márcio Alves da Fonseca, Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

FOUCAULT, Michel. **The Courage of the Truth (the Government of Self and Others II): Lectures at the Collège de France, 1983-1984**. New York: Palgrave-Macmillan, 2011.

FOUCAULT, Michel. Verdade e subjectividade (Howison Lectures). **Revista de Comunicação e Linguagem**, nº 19. Lisboa: Edições Cosmos, 1993, p. 203-223.

LAÉRCIO, DIÓGENES. **Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres – Livro VII – Estoicos**. Int., trad. e notas Lúcio Jacobsmuschel. Montecristo editora: 2020. Ed. Kindle.

LONG, George. **Discourses of Epictetus**. New York: D. Appleton & Company, 1904.

VIEIRA, Alexandre Pires. **Sêneca: Cartas de um estoico, um guia para a vida feliz**. Vol. II. São Paulo: Montecristo Editora, 2021.